



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O RIO DE JANEIRO E O BAIRRO DA TIJUCA ASSINALAM A PRESENÇA PORTUGUESA EM SEUS ESPAÇOS.

Luiz Eduardo Maciel de Azevedo.

PUC-Rio

azevedo_luiz@yahoo.com.br

Dr. Miguel Angelo Ribeiro.

UERJ

mamikisi@gmail.com

RESUMO

A presente comunicação pretende analisar e compreender a presença portuguesa no bairro da Tijuca, zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Consideramos por presença os fixos portugueses e marcas lusitanas no espaço, no desejo de diagnosticar que estes elementos são representativos e reconhecidamente fundamentais para a construção de uma proposta de portugalidade estabelecida por Costa (1998) ou lusitanidade na ótica de Evangelista (2008), presentes no referido espaço. A interpretação desta presença portuguesa adota contribuições de Barbero (2009), uma vez que as mediações são articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais em diferentes temporalidades.

Ainda como justificativa, no momento em que havia relações entre brasileiros e portugueses tão intensas, e que estas sofreram ainda da ação de processos sociais contemporâneos que desregularam tal cenário, permitindo assim uma atual falta de estímulos evidentes e até desvalorização da matriz cultural lusa, há então uma nítida resultante não apenas dos períodos de retração da identidade lusitana na cidade, mas sim da penumbra a qual se instaurou sobre estes elementos.

Assim, a pretensão do resgate do elemento português nesta porção da urbe carioca é sustentada por acreditarmos que este exercício pode ser um ponto de revalorização e reinterpretarão deste espaço à luz de uma percepção para o bairro, segundo a marca do migrante português, uma interpretação geográfica através da perspectiva da presença lusitana.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Por fim, a interferência do “mundo português” na cidade do Rio de Janeiro, ao longo da história, não permite dúvidas e considerações desencontradas, senão constatar uma forte e contributa presença portuguesa na referida urbe, porém é necessário apontá-la, fazendo-se imprescindível este movimento, o qual pretende identificar e traduzir em objetos e elementos geográficos a referida presença, sobretudo no bairro tijucano. Presença atual e viva nesses espaços, reafirmando uma marca e identidades lusitanas.

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a construção e transformação do espaço da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo o tijucano, sob a ótica do migrante português, elevado neste processo como partícipe da formação urbana da cidade, e interessantemente ator peculiar nesta ação, justamente por sua condição de migrante, diante das características com que este integrava e integra a cidade e, diante das relações estabelecidas através do trabalho e conseqüente transformação do espaço, na rede social, na instalação e localização deste homem na urbe, são condicionantes relevantes para estabelecermos tal presença portuguesa. Nesta proposta, tenciona-se o vínculo entre o ator e a cidade, o espaço por este habitado, os fluxos e perspectiva da vida urbana, algumas condições para tratarmos desta condição de presença, que não se sustentam apenas no espaço material.

Assim sendo, tais interpretações possibilitam compreender na sociedade carioca os processos e inúmeros movimentos que permitem associar o elemento português na cidade em foco. Portanto

O espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas da geografia, o resultado de uma integração entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente.

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (sociedade) não é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, tem um papel na realização social (SANTOS, 2008b, p.27-28).

Neste sentido, há um especial interesse por promover uma concepção de que os elementos portugueses instalados na cidade do Rio de Janeiro são as respectivas formas que animam a vida. Porém, este ator social não estaria subtraído dos objetos exclusivos a sua única realização. Assim, torna-se instigante analisar que, embora não apenas como construtor de equipamentos urbanos, o ator social em destaque é parte integrante deste sistema. É parte integrante da cidade, para além dos objetos por este infiltrados, mas dinamizador de quaisquer espaços que este adote.

O português é então, um agenciador do espaço citadino, um elemento que integrado a urbe esvai-se na imensidão. É justamente na interlocução do trabalho, através da relação natureza e sociedade que se inicia a discussão sobre uma utópica assertiva de que apenas há presença portuguesa em objetos criados por tal elemento. Assim, reduziríamos a uma mera “realidade relacional” de “coisas e relações juntas”, conforme estabeleceu Santos (2008b). Desta maneira, a permanente associação do trabalho empreendido pelo migrante é de grande relevância à interpretação do espaço na respectiva cidade sob a tutela de uma parcela específica desta sociedade, o luso. Assim, a relação imediata entre o trabalho e a construção dos objetos geográficos é condição para que possamos estabelecer dois movimentos: a contribuição do trabalho lusitano, enquanto ator social difundido na cidade e a segunda, a interferência de outros elementos constitutivos da sociedade, que não o migrante lusitano, em seus estabelecimentos comerciais, em suas obras e benfeitorias, que de tão embebidas no espaço da cidade do Rio de Janeiro, assumem uma qualidade de objeto geográfico já desregulada de sua formação inicial, como o exemplo de logradouros públicos e equipamentos hoje associados ao patrimônio carioca, elencados como quais quer origens, menos a lusitana, uma vez que esta relação é metamorfoseada.

Na prática, há uma dupla análise, em uma única presença. Assim, fica estabelecida uma tentativa de indicar que no contorno mais geográfico, efetivamente físico do espaço, há os objetos que são promovidos pela ação e outros que incorporava ação dos lusitanos. Neste panorama, a intenção é de indicar que esta separação entre objetos portugueses e não portugueses ficará tênue, na medida em que se permanecida



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma interpretação exclusiva da origem e uso deste espaço, por presença de portugueses, este espaço perde sua capacidade relacional.

Assim, não se almeja desregulá-los do contexto real, ou buscar uma suposta origem intocada destes objetos, uma vez que ocorre no espaço, fundamentalmente através de relações. Do avesso, estaria condenado se analisássemos apenas o local, isolado, e não a relação impetrada.

Já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria funcionalista se apenas indicasse a estrutura, sem conhecer o seu movimento histórico ou a relação social sem o conhecimento do que a produziu. Impõe-se, na análise, apreender objetos e relações como um todo, e só assim estaremos perto de ser holistas, isto é, gente preocupada com a totalidade (SANTOS, 2008b, p.64).

Para exercer-se português, e para este objeto possuir um significado lusitano é necessário manifestar-se através de um fixo, um local físico, um espaço, um objeto que permita tal produção. Para isto, um fixo social, assim estabelecido consiste em funções exercidas por este fixo, assim configurando uma construção do homem plena de centralidade que abrange e atraem pessoas, neste caso os imigrantes. Portanto, uma casa, uma rua, os prédios são elementos urbanos, verdadeiros fixos sociais, pois acolhem experiências humanas, marcando o espaço como expressão das relações sociais. A inseparabilidade dos objetos e das ações é realçada, pois estão em conjunto. Os sistemas de objetos a disposição das forças sociais atribuem sentido que incluem o espaço e se dão por intermédio do espaço (SANTOS, 2008a).

O espaço então é instância da sociedade, e para tal relação formalizam-se as redes sociais que propiciaram a chegada da gente lusa. As redes formaram um importante papel para reprodução deste ator social no transformar a cidade, uma vez que, conforme estabelecido, a permanente construção e transformação dos espaços citadinos ocorre também em associação do elemento lusitano com a sociedade carioca. Decifrar o espaço revela-nos as práticas sociais dos diversos grupos que nele produzem, circulam, lutam, sonham, vivem (LEFÉBVRE, 1974 in CORRÊA, 2006).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O urbano, indiferente a cada diferença que ele contém, é considerado freqüentemente como indiferença que ele contém, é considerado freqüentemente como indiferença que se confunde com a da natureza, com uma crueldade que lhe seria própria. Contudo, o urbano não é indiferente a todas as diferenças, pois precisamente as reúne. Nesse sentido, a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a existência recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos. [...] As relações (sociais) sempre se deterioram de acordo com uma distância, no tempo e no espaço, que separa as instituições e os grupos (LEFEBVRE, 1999, p.111).

Assim sendo, pontua Lefebvre que as dimensões do espaço, podem ser conceituadas como o espaço percebido de práticas materiais, e que com o passar do tempo são estas, as práticas espaciais materializadas que constituem a paisagem (MAIA, 2008), um espaço que se apresenta através de imagens e símbolos, estes impregnados na dimensão do espaço enquanto paisagem. Este último é repleto de particularidade, sobrepõe o espaço físico fazendo uso simbólico dos seus objetos e sinais. Assim, o espaço representa um valor neste contido, uma valorização cultural, pois de certo há tal dimensão.

O espaço, impregnado de signos e pólos, é portador de sentido; a mensagem que aí se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, da crença dos homens e de sua busca por significados. Seria interessante colocar o mesmo olhar e as mesmas interrogações sobre o espaço de nossas próprias sociedades (BONNEMAISON in CORRÊA, 2002, p.131).

O espaço pode ser então explicado pela complexidade de situações, mas também por conter tais contradições. Assim, a presença existe, porém é evidenciada diante do ato de interpretá-la. Na cidade o fazer presente das instituições portuguesas é expressivo, e tais instituições corroboram com a tese de portugalidade como enfatiza Costa (1998), e da lusitanidade na ótica de Evangelista (2008). Ambos os autores identificam que há elementos na sociedade carioca que evidenciam a relação com Portugal, sua gente e as tradições que as representam como as festas tradicionais e a gastronomia.

Tais elementos, embebidos no espaço carioca, são representativos ao reforçar esta idéia de presença portuguesa. Exemplificando apenas alguns dos mais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

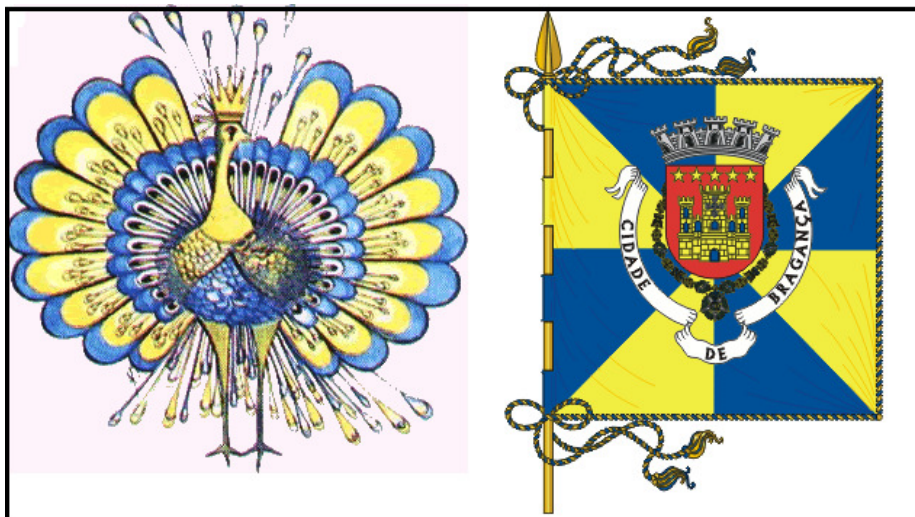
reconhecidos, a cidade do Rio de Janeiro apresenta grandes marcas como: o Real Gabinete Português de Leitura e o Liceu Literário Português, ambos localizados na área central, representantes da matriz lusa no espaço atual. Nesses exemplos, tais fixos são marcados pela arquitetura manuelina que os fazem representantes da lusitanidade. Na Tijuca, podemos citar muitos exemplos de fixos, marcas e matrizes da presença lusa, porém prioriza-se destacar as Casas Portuguesas Tradicionais alocadas no bairro, em um total de seis, das treze Casas da cidade; os logradouros que fazem referência a portugueses; as inúmeras fábricas do passado e os empreendimentos atuais presentes no comércio são exemplos desta representação da comunidade portuguesa na cidade e no referido bairro. Tais fixos contidos nos espaços cariocas e tijucano são balizadores para resgatar e assinalar a então presença lusa.

Conseqüentemente, pretendemos apontar que esta presença, que se deseja construir é significativa através dos elementos contidos no espaço, interpretação valorizada através da construção da espacialidade. Além dos exemplos mencionados acima, destacamos que a Souza Cruz & Cia, antiga fábrica de cigarros localizada na Usina, na Tijuca foi fundada por Albino Souza Cruz, um emigrante português que empregava outros portugueses estabelecidos em suas proximidades e que outrora tinha o nome de Fábrica de Fumos e Rapé de Borel & Cia, nas cercanias da rua São Miguel, esta provavelmente o embrião da Souza Cruz, segundo Neto (2004). Então, o nome do morro do Borel tem sua origem a partir do nome da fábrica que por sua vez produzia um cigarro que estampava um pavão-real adotado como símbolo da futura agremiação Unidos da Tijuca. Assim, com a escola de samba o símbolo da mesma, representa alusivamente o pavão estampado na carteira de cigarros, e pelo fato das cores azul e amarelo serem adotadas pela dinastia de Bragança que reinava em Portugal (1640-1910), e que reinou também no Império brasileiro (1822-1889), estas então eram as cores da Corte Imperial que significam prova de bom gosto em suas vestimentas (www.unidosdatijuca.com.br). Esta história reflete então que o símbolo da Unidos da Tijuca é representante da referida agremiação (Figura 1), esta que faz com que brasileiros e portugueses convivam sem distinção de raça, cor, nacionalidade e religião (NETO, 2004).

...A Unidos da Tijuca se denomina como única representante da colônia portuguesa no carnaval carioca. A escola contabiliza que, nos últimos quinze anos, metade dos componentes e dos torcedores da escola são portugueses e

descendentes de portugueses. Evidencia-se tal fato pelo grande número de comerciantes de origem lusitana. Os comerciantes da região são os principais colaboradores financeiros da escola. [...] O presidente da escola é um português, Francisco Horta, assim como parte da diretoria. Horta é empresário estabelecido na Tijuca e preside a Unidos da Tijuca desde 1986 (NETO, 2004, p.3).

Figura 1– O Pavão, juntamente com a bandeira da cidade de Bragança.



Fonte: Site Oficial da Unidos da Tijuca e Wikipédia (2009).

Neste sentido, o símbolo evidenciado é interpretado como constituinte desta presença portuguesa na Tijuca. Tendo em vista que “o objeto seria aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana, ultrapassa o quadro doméstico e, aparecendo como utensílio, também constitui um símbolo, um signo” (SANTOS, 2008b, p.66) A agremiação não se constitui apenas como um objeto, esta significa um símbolo através de seus signos para o bairro, este símbolo nos remete a comunidade lusa.

Os símbolos compreendem então o entendimento da marca, já que este elemento tem um signo, um significado especial próprio que o compete uma qualidade do “ser português”, em outras palavras, que direcionam seu aspecto, sua origem relacionada ao imigrante português.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Assim, diante da discussão das marcas encontradas no espaço, destaca-se o conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz proposto por Berque (1984, in HOLZER, 2004), uma vez que a paisagem é uma marca, pois exprime uma civilização e é também matriz por participar de uma concepção, uma percepção, que canaliza um sentido, justamente a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. A definição de paisagem-marca advém do sinônimo paisagem-produto como resultante da intervenção humana no meio ambiente e a paisagem-matriz como herança, produto das mentes (BERQUE in HOLZER, 2004).

Deste modo, as marcas estão impregnadas ao espaço tijucano, e a dificuldade de ater-se apenas ao elemento luso são indescritíveis. O espaço urbano, que é a paisagem urbana, a dimensão da produção espacial, aquela que guarda momentos diversos do processo de produção espacial é vista como marca, e simultaneamente como matriz cultural atestado por Berque (1998) que justifica,

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (BERQUE, 1998 in MAIA, 2008, p.1227).

A expressão da paisagem como texto é apresentada como porção do ambiente o qual esta é transformada. Este é um elemento importante na busca por identidades e territorialidades, pois esta paisagem é o elemento “revelador” do processo de reprodução social, em virtude de ser “um repositório de símbolos de classe social e de herança ética” (CORRÊA, 2003 in MAIA, 2008).

Nesta acepção, os objetos, a temporalidade, a ação e os símbolos auxiliam o estudo e a percepção da proposta de uma presença portuguesa no bairro em questão. É a partir destas marcas, destes símbolos estampados no bairro em tese que é plausível relacionar a presença portuguesa a este espaço.

Portanto, diante da referência estabelecida, entendemos que a interpretação das marcas, dos símbolos são fundamentais para perceber a referida presença. Para os objetos possuírem um significado é necessário a manifestação de um fixo, um local físico, um espaço, que permita tal produção, a manifestação do ser português na Tijuca.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Neste caso, uma casa, uma rua, os prédios são elementos urbanos, verdadeiros alicerces da presença, que não se findam neste espaço físico, e justamente por não se encerrarem apenas nos objetos materializados e em sua dimensão simbólica, é que compreendemos uma interpretação entre as práticas contidas no espaço.

Assim, retornamos a interpretar o espaço, pois a problemática estabelecida é a espacialidade. Para tal, o espaço não seria ponto de partida, nem ponto de chegada, mas um intermediário no sentido de ser um modo e instrumento, um meio e mediação. O espaço é instrumento político intencionado, mas também é um modo coletivo ou individual de um grupo que pode se representar na sociedade (LEFEBVRE, 2008).

O espaço pode então abrigar memória e experiências humanas, estas registradas, ainda que não exatamente na paisagem, mas igualmente marcam o espaço como expressão das relações sociais. A presença do português na Tijuca, e neste ponto pode ser interpretada, para além do espaço tijucano, é entendida como o “espaço é tão-somente um *medium*, um meio e mediação, instrumento intermediário, mais ou menos apropriado, ou seja, favorável. Ele jamais tem a existência em si, mas remete a alguma coisa outra” (LEFEBVRE, 1999, p.74). Uma interpretação hermética do espaço aprisiona as relações deste com as interações transescalares, e minimiza o discurso que é voltado também “para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (BARBERO, 2009, p.261).

Para tal questão, resgatamos algumas considerações que pretendemos tratar a fim de promover o espaço, entendido como espaço da presença migrante, como passível de intervenções de ordem cultural homogeneizante, que habitam os locais a desvalorizarem particularidades, a habituarem então a cidade a destratar suas matrizes múltiplas. Concebe a cidade contemporânea, ao Rio de Janeiro, as dificuldades de se perceber os elementos portugueses, uma vez que as contribuições desta matriz à cidade está calcada neste constante movimento citadino cosmopolita. Algumas dificuldades para este olhar mais aguçado podem ser tratadas através de algumas evidências.

Primeiramente, a homogeneização promovida pela indústria cultural, em associação diretamente à vida, ao cotidiano no urbano, tende a impor fortes traços à homogeneização dos estilos de vida desejáveis, estilos que desvalorizam a cotidianidade dos saberes e também das práticas, que agora interferem nesta questão. Interferem, pois



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

já não se imagina estilos de vida individualizados, típicos de uma tradição portuguesa, com resguardos de uma cultura diferenciada.

As cidades dependem, além das resultantes globais, a imediata, da relação direta entre pessoas, grupos e sociedade. A cidade é para Lefebvre (2008), mediação, pois sustenta relações de produção e é local de sua reprodução.

A mestiçagem é um elemento importante para a trama atual dos países da América do Sul, diante de modernidades e discontinuidades culturais, deformações estruturais e sociais de imaginários que misturam o indígena com o rural e o urbano e o rural. Neste ponto, a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão *cultural* e, portanto não só de conhecimentos mas de re-conhecimento” (BARBERO, 2009, p.28). No Brasil, podemos tratar a diferença cultural como a vigência e pluralidade das culturas populares, o espaço conflitante e profundo além de uma dinâmica cultural incontornável.

A tendência que as culturas aceitam ao passar a ser moldada pelos meios, pela dominação dos meios de comunicação, ou do estilo dominante, passa pela sociedade à qual faltam instituições bem definidas e uma classe consciente de o ser, “se amalgamou através dos meios de comunicação de massas, afirma Daniel Bell”(BARBERO,2009, p.197). Portanto, pode-se afirmar que o imaginário dos meios é lançado pelo estilo de vida que a América do Norte instaura no século XIX, e que se fundamenta no século XX a ser seguido, como matéria-prima.

Estas ações, de cultura dominadas por meios de comunicação, estão impregnadas no âmbito da sociedade, e que mais que inseridas são atuantes e determinantes no olvidar de grande parte das tradições, ou percepções de que há valores, há espaços produzidos pelas cidades que destoam desta magnífica estrutura pasteurizada que, mais uma vez, impede-nos de perceber que os símbolos, os elementos mais singelos podem-nos remeter a presença de determinada matriz cultural, e que está para além da idéia de percepção de matrizes que compõem uma cidade ou uma sociedade, mas sim da percepção da presença de elementos repletos de significados, esquecidos pela metrópole, e que sobretudo evidenciam igualmente o espaço urbano. De tal modo, o desafio é permanente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais (BARBERO, 2009, p.29).

Assim, na história dos meios de comunicação dedicou-se a “estrutura econômica” ou ao “conteúdo ideológico” destes, o que “sem se propor minimamente ao estudo das mediações através das quais os meios adquirem materialidade institucional e densidade cultural” (BARBERO, 2009, p.232). Nesse sentido, não existem mediações culturais na história dos meios de comunicação, já que se deixa à margem o espaço cultural, ou reduzindo-os a arte e literatura. Afirmamos neste trabalho serem os meios de comunicação, pois estes produzem valores, adotam as diretrizes a ser estimada por uma sociedade, e não seria diferente nesta abordagem. E mais que os meios, as acepções já não interrogantes.

Estas afirmações podem recuperar a idéia de desvalorização da matriz portuguesa. Entendemos que o processo de valorização e posterior resgate da presença portuguesa no bairro em tela e na cidade passa por conjecturas estruturais. Não seria plausível atribuir o espaço analisado ao único fragmento de exceção. Não seria possível estabelecer um paralelo de crítica a esta análise, senão relacioná-la as imposições e implicações estruturantes. Sob a alegação de que “as classes subalternas assume, porque não lhes resta alternativa, uma indústria vulgar e pedestre, e certamente a transforma em autocomplacência e degradação, mas também em identidade regozijante e combativa” (MONSIVÁIS, 1981, P.42 apud BARBERO, 2009, p.272) é que optou-se por tratar desta temática.

O exercício proposto é ter um olhar preocupado em notar os elementos lusitanos marcados na paisagem, produtores do espaço e que imediatamente transmitem um significado a quem os compreende. Se o meio, o espaço continua a ignorar as identidades, as particularidades, cabe então a mediância, que irá resgatar tais informações, pois é da sua natureza considerar o intrínseco, na Tijuca o português; uma vez que “a mediância que considera as realidades intrínsecas e factuais, o meio então ignora as substâncias intrínsecas e as identidades próprias, ele só conhece os fluxos de relações, que ligam indissociavelmente os sujeitos aos objetos, e vice e versa”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(BERQUE, 1990, p.40 in HOLZER, 2004, P.59), ressaltamos o árduo encargo de avaliar atributos desta natureza.

Posicionar-se contra o pensamento único que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje o grande mediador entre as pessoas e o mundo, quando a tecnologia que medeia hoje é a transformação da sociedade em mercado, atuamos então na defesa da presença lusa na cidade e, especialmente no bairro.

Portanto, ao movimento contínuo de legitimação e construção do espaço, atribuímos totalizações à identidade do migrante em questão, já que esta possibilita abranger o passado, o presente e o futuro na interpretação de Urs Jaeggi (In SANTOS, 2008a). Ater-se ao processo, é também perceber a totalidade como produto de um movimento real, que se nota a cada instante através de um conjunto imóvel e um momento da totalização em andamento (SANTOS, 2008a). Para compreender a atual instabilidade ou permanente inquietação característica do migrante, notamos que a totalidade incompleta, por estar sempre em busca de totalizar-se, retrata a análise geográfica: a totalização já perfeita, representada pela paisagem e a totalização que se está fazendo, o espaço (SANTOS, 2008a). “Se o ser é a existência em potência, segundo Sartre, e a existência é o ser em ato, a sociedade seria, assim, o Ser e o espaço, a Existência” (SANTOS, 2008a, p.119).

O português não seria inapto a este movimento. Este migrante é parte importante neste desafio de estabelecer sua atuação no espaço, ora construído por sua condição de representatividade social e ora por sua condição de almejar ser processo e não resultado. Está constituído então, uma presença, tendo em vista que este movimento é intermitente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Destarte, a relação entre sociedade e espaço é constituída na medida em que a produção da vida humana, do cotidiano, seja também a produção da humanidade do homem, das relações sociais, políticas e ideológicas. Entendendo então a articulação desta relação e deste desenvolver tendendo a individualizar-se espacialmente dando singularidade às frações do espaço (CARLOS, 2005) notamos a particularidade da presença do português na cidade do Rio de Janeiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A identidade, produzida pela presença, o representar-se no espaço, é então a idéia de explicitar-se em situações de encontro com o outro, e, portanto, não apenas um estado cultural, mas é, sobretudo uma dramatização dos relacionamentos com toda a gente (DA COSTA, 1998, apud RUA, 2007, p.413). Conseqüentemente esta ação é constante, jamais será derradeira diante das correntes migratórias, mas sim acoplada ao ser português.

O espaço investigado, o espaço de atuação do migrante, é o espaço como um híbrido que dita a existência destes objetos e é ditada pelas relações sociais que tal objeto se subordina, somadas ainda as relações de vizinhança mantida com outros objetos (SANTOS, 1996 In RUA, 2007). Desta forma, a identidade se alimentará das relações estabelecidas e, portanto a presença, das implicações sobrepostas. Para se fazer presente, estar em atuação no espaço, entendemos que antes é necessário produzir-se indetidamente.

Por fim, estabelecer a identidade é discorrer sobre o espaço produzido e reprodutor dos atores envolvidos. A identidade é também a representação social e política de cada grupo. A identidade é mútua ao espaço e metamorfoseada diante do espaço, uma vez que a identidade é humana. A presença é além do estar representado, ou da busca por representar-se é simplesmente estar, e fazer-se percebido.

A presença é, juntamente com a análise do espaço, o mote desta questão, que também permeia ao mesmo tempo combater a ausência de visibilidade e de valorização para determinados sujeitos, neste caso a matriz lusitana relegada ao simples tratamento do desatento.

Justamente com intuito provocativo de valorizar determinada matriz lusa é que permitimos posicionar este discurso para o campo do fazer-se alcançável, e o estar presente é possível na Tijuca, pois este espaço o permite.

REFERÊNCIAS.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CARLOS, A.F.A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: Um século (3)**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002.

CORRÊA, R.L. Espaço: Um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, I.E (et al). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTA, A. G. **O homem português e o Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica Ltda., 1998.

EVANGELISTA, H. A. **Rio de Janeiro, uma cidade portuguesa, com certeza: Uma proposta para manter a característica lusitana da cidade**. Rio de Janeiro: Ed. e-papers, 2008.

HOLZER, W. Augustin Berque: Um trajeto pela paisagem. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, nº17-18, p.55-63, jan/dez. 2004.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAIA, A. C. Discutindo conceitos e metodologias: Paisagens, textos e produção do espaço migrante. In: 1º SIMPGEO/SP, 2008, Rio Claro.

NETO, P. C. O. A pura cadência da Tijuca: Estudo sobre a organização social através da bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca. **Revista Habitus**. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.21-30, mar. 2004.

RUA, J. A programação da Rádio-Televisão Portuguesa Internacional (RTPi) e a (re)construção da identidade dos emigrantes. In: SEYFERTH, G. (et al). **Mundos em Movimento: ensaios sobre migrações**. Santa Maria: UFSM, 2007.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2008b.

Sítio eletrônico do G.R.E.S Unidos da Tijuca. Disponível em:
<www.unidosdatijuca.com.br> Acesso em: 13 dez .2009.